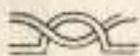


ALBERTO IRIA

O Algarve na História de Portugal



FARO
1979



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Exido n.º

871

Cota n.º

~~333~~

33

Do Mestre da História
da pátria e ao estimado
Instituto Amigo, Pe. Duto

O Algarve

na

História de Portugal

Mis Brásio, esta imperfeito
sintese de uma arte
de muitos anos,

Do 9/11/1979
F. Alves

ALBERTO IRIA



O Algarve na História de Portugal

Discurso proferido na Biblioteca Nacional de Lisboa, na tarde do dia 16 de Março de 1979, no encerramento da Exposição Bibliográfica e de Artes Plásticas, promovida pela Casa do Algarve.

Separata do «Correio do Sul»

FARO — 1979

Separata dos N.ºs 3032 a 3036
do «Correio do Sul»
FARO — 1979

QUIS a Casa do Algarve em Lisboa, a quem cabe — nunca é demais sublinhá-lo — a louvável e feliz iniciativa — mais uma em que fica pioneira, e oxalá o seu magnífico exemplo frutifique — de trazer à capital dos Portugueses uma autêntica epopeia do Trabalho do Povo Algarvio, nos vastos domínios da Economia, da Cultura e do Turismo, que fosse eu a lembrar aqui, neste belo enquadramento de uma das suas exposições, não ser o Algarve apenas Turismo, mas também História.

E isto quando, ainda não há muito, foi precisamente homenageada, também aqui a figura e a obra de um dos maiores vultos da cultura portuguesa contemporânea, Vitorino Nemésio, saudoso confrade e Amigo, para quem «o Algarve com a sua luminosidade» condicionou «a grande radiação da poesia de João de Deus...» É-me grato recordar estas palavras de Vitorino Nemésio a propósito de João de Deus, porque João de Deus, além de ser algarvio é, como se sabe, o nosso grande Poeta do Amor e das Crianças, às quais genialmente ensinou a ler e a escrever pela sua já famosa e centenária Cartilha Maternal, e, ainda, há quase meio século, o excelso Patrono da Casa do Algarve em Lisboa, a cujos destinos preside hoje, devotadamente, com notório dinamismo e viva inteligência dos seus problemas regionais e locais, o conhecido escritor de Portimão, Joaquim António Nunes, com o não menos dedicado labor dos seus mais directos colaboradores.

O Algarve está carregado de História.

Mas o Algarve não é só História. O Algarve é também Ciência, e Ciência com vista ao seu promissor futuro. Ainda nos finais do século XVIII por exemplo, um cientista estrangeiro que por ali passou, traduzia assim a potencial riqueza da terra algarvia, comparada com outras da Europa, suas conhecidas: «L'Algarve me paraît être le pays de toute l'Europe où un naturaliste aurait occasion d'observer les productions les plus intéressantes...»

Todavia o Algarve, não obstante algumas tentativas de autores antigos, não dispõe ainda, infelizmente, de uma obra de conjunto sobre a história da sua região, velho e ambicioso sonho, aliás, da minha já longínqua juventude universitária. No entanto, para essa história regional, embora com modéstia e humildade, tenho também já carreado alguns materiais que, felizmente, outros vão aproveitando e ampliando melhor do que eu.

O Algarve possui, sim, uma vastíssima obra, ainda há pouco justamente exaltada por Tomás Ribas, no «Diário de Notícias», obra que é um autêntico monumento bibliográfico e que, com gravíssimo prejuízo para a cultura nacional e, em especial, para a bibliografia geral do País, permanece infelizmente, há muitos anos inédita — nunca me canso de o dizer em público — embora seja todos os dias enriquecida pelo infatigável labor do seu beneditino Autor. Refiro-me a Uma Bibliografia Regional: A «Algarviana», do Dr. Mário Lyster Franco, meu queridíssimo Amigo, erudito comprovinciano e prezado confrade na Academia das Ciências de Lisboa. Mas para quando a sua publicação? Aqui fica uma pergunta, que julgo oportuna, cuja resposta dará, no Algarve, quem de direito possa fazê-lo.

Mas falar do Algarve na História de Portugal, na brevíssima palestra de que me deram o gostoso encargo de proferir aqui, não é tarefa muito fácil, sobretudo para, em poucos minutos, dizer apenas o essencial, e tão somente focar alguns dos seus aspectos políticos mais relevantes, sem de forma alguma abusar da paciência e até da coragem dos que, a esta hora da tarde, tão generosamente

vieram honrar-me e distinguir-me com o calor humano da sua gentil presença, alguma bem familiar, que desde já muito reconhecidamente agradeço. Tenho, portanto, de ser forçosamente breve, muito breve até, na imperfeita síntese histórica que vou fazer.

Naturalmente logo ocorre lembrar que, gorada a tentativa de 1189, com a conquista efêmera de Silves por el-Rei D. Sancho I, de colaboração com os Cruzados que seguiam para a Terra Santa, foi só em 1249, com a tomada definitiva do Algarve aos mouros, pelos portugueses de D. Afonso III, que Portugal completou, no diversificado conjunto regional da Península Ibérica, a sua actual unidade e expressão político-geográfica, em flagrante e significativo contraste com a vizinha Espanha. A Espanha, como se sabe, apesar de alguns latentes e turbulentos nacionalismos ainda chegados aos nossos dias, apenas atingiu essa unidade e essa expressão político-geográfica muito mais tarde, já nos finais do século XV. Até lá, porém, e mesmo depois, nas centúrias seguintes, o Algarve teve de suportar sempre os embates frequentes dos invasores castelhanos e os assaltos não menos frequentes e mais daninhos ainda dos piratas e corsários de Marrocos e do Mediterrâneo, na árdua defesa marítima de Portugal, na sua fronteira do extremo sul.

Mas foi na crise política de 1383 - 1385 que, já bem português, o Algarve logo se distinguiu, colocando-se abertamente ao lado, desde a primeira hora, da causa nacional de D. João I o Mestre de Avis, ao enviar para o Alentejo gente e dinheiro para a guerra com Castela. Silves, Faro, Tavira, Castro Marim, Loulé e Albufeira deram então o seu melhor esforço. Contudo a posteridade nem ao menos os nomes destes seus filhos inscreveu ainda ali na toponímia local, apesar de já revelados e trazidos à luz da publicidade.

Pouco depois, na região solitária e agreste de Sagres, no extremo sudocidental do Algarve, «o fim da Europa» e «de toda a terra habitada», como disse o velho Estrabão, ou no «Cabo do Mundo», como lhe chamou o próprio Infante D. Henrique, o «Navegador», instalou-se ali, num verdadeiro lampejo de génio, o inicial e promissor «cére-

bro» português — pois quase toda a acção dele imanada partiu do porto de Lagos — do primeiro movimento da moderna e sistemática expansão ultramarina da Europa. «Foi nesta solidão varrida pelos ventos, diz algures o Prof. Orlando Ribeiro, que o Infante D. Henrique, fugindo ao bulício da corte, veio meditar o seu sonho de conquistas e descobrimentos.»

Larguíssima foi a contribuição dada pelo Algarve, especialmente nos séculos XV e XVI, sempre com gente e navios, primeiro com as suas caravelas, e muito mais tarde com os seus típicos caíques — no povoamento do sul de Angola — a todo este sonho de expansão ultramarina, desde o fronteiro Marrocos e ao longo da Costa Ocidental de África, ilhas atlânticas e Brasil, até Moçambique, Índia e Extremo Oriente. O Algarve foi então um verdadeiro alfôbre de ousados pescadores, mareantes e pilotos, obscuros soldados, marinheiros e missionários, que deram lustre e fama a Portugal nas sete partidas do Mundo e dos quais não nos podemos nem nos devemos nunca esquecer ou envergonhar.

Foi também em Sagres, pela força do Destino, que D. Sebastião, o nosso último Rei cavaleiro, como lhe chamou Mestre David Lopes, veio algumas vezes meditar o seu ambicioso sonho das Jornadas de África, a sua temerária ida a Marrocos para, afinal, ainda na flor da vida, encontrar a morte nos ensanguentados campos de Alcácer-Quibir e deixar ali gravemente comprometida a independência nacional. O Algarve deixou então em Marrocos, mortos ou cativos, muitos dos seus filhos, alguns dos quais já se tinham valorosamente distinguido como combatentes, sem excluir pescadores e mareantes, na conquista e defesa das velhas praças marroquinas do Norte de África, até Mazagão.

Consumada a perda da independência nacional, em 1580, o Algarve foi a primeira região do País a ser invadida e ocupada — não sem alguma honrosa resistência — pelas poderosas e superiores forças navais do Marquês de Santa Cruz, em nome de Filipe II de Espanha.

Mas o Povo do Algarve ficou inquieto e deu então mais

uma grande e exemplar lição do seu já bem comprovado amor à Pátria. Lagos e Silves foram os principais fulcros da agitação popular a favor de D. António Prior do Crato. Em Lagos recebeu D. António a importante ajuda e o forte apoio da numerosa e rica comunidade local dos judeus.

Efectivamente, além de ter andado escondido no Algarve, antes de se refugiar em França, e de, note-se bem, nunca ali ter sido denunciada a sua presença às autoridades, recebeu D. António, só em Lagos, para a sua causa, a quantia de 13.000 cruzados das almadravas ou armações de pesca locais.

Mas ainda que não tivesse vingado a sua causa, D. António Prior do Crato teve no Algarve, em Faro, Alvor, Silves e Lagos, e não apenas no Centro e Norte do País, como ainda até há pouco erradamente se supunha, numerosos e devotados adeptos — os antonistas — como então se dizia, que lhe prestaram bons serviços dentro e fora de Portugal, isto é, tanto no Algarve como nos Açores e em França. Conhecemos os nomes de alguns, os nomes e os feitos, embora a posteridade, tantas e tantas vezes ingrata, lamentavelmente os tenha esquecido e ignorado, apesar de também serem já trazidos à luz da publicidade.

Seguiram-se, como se sabe, sessenta anos de domínio castelhano, não sem que, também no Algarve, o Povo tivesse algumas vezes manifestado a sua inconformada revolta. Na verdade, os tumultos populares de Lagos, em 1632, e as alterações dos povos de Tavira, Faro, Loulé e Albufeira, de 1637, com a honrosa participação da nobreza algarvia em Loulé, por exemplo, em íntima conexão com as alterações de Évora, foram efectivamente movimentos políticos que muito abalaram ali, como no resto do País, a já enfraquecida autoridade de Filipe IV de Espanha, preparando no extremo sul a fácil Restauração da Província, iniciada em Lagos a 11 de Dezembro de 1640, e logo seguida também, como rastilho de pólvora, por outras localidades do Sotavento do Algarve, mais perto da fronteira andaluza.

Mas não se pense, erradamente, que foi depois muito tranquila a vida dos povos do Algarve naqueles duros e

longos vinte e oito anos de guerra com os nossos vizinhos espanhóis. Nessa grande luta pela consolidação da independência nacional, o Algarve, conquanto não tivesse sido o grande teatro da guerra como foi o vizinho Alentejo, para ele enviou também gente e socorros de toda a espécie, além de, com armas e navios, defender constantemente a sua fronteira, tanto em Castro Marim como em Alcoutim, num frequente alerta das restantes populações ribeirinhas, a coberto das suas fortalezas e castelos.

Ainda mal refeito das funestas consequências e naturais cicatrizes de tão longa, forçada mas vitoriosa luta pela sobrevivência nacional, o Algarve, agora já no século XVIII, beneficiou também enormemente das grandes reformas que nele introduziu o Marquês de Pombal. Depois do Infante D. Henrique, o tão discutido primeiro ministro de el-rei D. José I foi o grande «Descobridor» do Algarve, «Hum pedaço de Paraizo Terrestre...») como lhe chamou o Conde de Lipe, um inglês de alta estirpe, que também esteve no Algarve e muito cuidou então ali da sua melhor defesa militar, por ocasião das campanhas contra a França e Espanha.

O Algarve, que no reinado anterior o embaixador de Portugal em Paris, D. Luís da Cunha, chegara ao absurdo de propor a D. João V nada menos do que a sua troca à Espanha, por uma parte do seu Império na América, o Reino do Chile, até ao distrito de Magalhães, recebeu de Pombal, sobretudo nos domínios da Agricultura, das Indústrias e das Pescas, um grande e renovado sopro de vida moderna e progressiva.

Lá está ainda hoje, bem patente aos nossos olhos, a readificada Vila Real de Santo António onde não falta uma miniatura do Rossio, com as suas características mansardas nos edificios pombalinos, padrão vivo da obra de Pombal, tal como a Vila do Infante ou Vila de Sagres o foi e ainda é — o pouco que dela resta — da obra do Príncipe «Navegador», vila que, diga-se de passagem, esteve até para ser completamente demolida, pedra a pedra, na época de Filipe II de Espanha, e só o não foi... por autêntico milagre!

Com o alvorecer do século XIX e na curta guerra de 1801 que travámos com a vizinha Espanha, a corajosa resistência de Vila Real de Santo António, na defesa desta fronteira de Portugal, deixou merecido eco nos Anais Militares do País e do Algarve.

E o valoroso oficial que, então, ali consubstanciou o brio e o valor militar português, o coronel José Lopes de Sousa, foi precisamente o que, com coragem e sem temor das imprevisíveis consequências do seu acto, inflamou, no dia 16 de Junho de 1808, o acendrado patriotismo dos pescadores de Olhão — minha querida terra natal — ao iniciarem ali o primeiro grito de revolta contra os soldados franceses de Napoleão Bonaparte, gesto depois também seguido, como novo rastilho de pólvora, por Faro, Lagos, Tavira, Loulé, Silves e outras terras algarvias.

A notícia da revolta contra os invasores franceses gerou então uma singular aventura náutica, que ficou célebre e mereceu as honras, em duas edições, de um poema de José Agostinho de Macedo, o «Novo Argonauta». Efectivamente, um minúsculo caíque de pesca de Olhão, o «Bom Sucesso», por alcunha o «Drago», com 17 tripulantes, comandados pelo Mestre Garrocho e pilotados, sem cartas de marear e só pela estimativa, por Manuel de Oliveira Nobre, fazem a arriscada travessia atlântica para levar à corte portuguesa do Rio de Janeiro, em primeira mão, não só a notícia da revolta, mas também o primeiro correio marítimo ali recebido do legítimo Governo da Regência do Algarve, estabelecido em Faro.

Quando consagrará o Algarve, não apenas alguns destes seus filhos, mas todos os que tiveram acção importante nesta época?

Depois das invasões francesas, o Algarve participou também de todos os movimentos políticos que, desde 1820, agitaram e abalaram profundamente a sociedade portuguesa e culminaram no mais sangrento e importante de todos: a Guerra Civil, de 1833 - 1834.

Nesta luta fratricida, com a participação de mercenários estrangeiros, o Algarve assumiu papel muito importante e decisivo, para abreviar o renhido e longo cerco do

Porto, com o desembarque das forças liberais do Duque da Terceira nas praias de Cacela, perto de Tavira. E o Duque, sem encontrar a esperada resistência, ali, das forças miguelistas do Governador da Província, o Visconde de Modelos, nem as do valoroso Remechido — mais tarde cruelmente fusilado em Faro — e depois de vencidas também as do aguerrido Teles Jordão, entrou facilmente em Lisboa, como libertador da capital, quase sem ele próprio acreditar.

Antes do 5 de Outubro de 1910, e depois da Revolução que, nesta data, implantou a República em Portugal, e já depois do 25 de Abril de 1974, o Algarve regista também nos seus Anais, e em alguns factos participou até de forma decisiva, certos acontecimentos políticos que muito influenciaram na vida portuguesa contemporânea. É o caso, por exemplo, de Alvor, antiga vila do Infante D. Henrique e local histórico onde faleceu el-rei D. João II, seu lídimo continuador da gesta africana dos Descobrimentos, ter também entrado já na História, mas obviamente por outras razões que, só mais tarde, fria e desapaixonadamente, a própria História um dia julgará.



Um Farense quasi esquecido — o Padre Lopes — pela Dr.^a Mariana Amélia Machado Santos

Ria de Faro, pelo Eng.^o-Agr. António da Fonseca Leal de Oliveira

O Algarve e as Capitánias, pelo Cap. m. g. Henrique Alexandre da Fonseca

Ainda e sempre João de Deus, pelo Dr. Alberto Iria

Dois Humanistas Algarvios, pelo Dr. Mário Lyster Franco

Quem deve substituir os Juizes de Direito?, pelo Dr. Rocheta Gomes

Breve noticia da presença dos Judeus no Algarve, pelo Dr. Mário Lyster Franco

Alberto Iria, pelo Prof. Dr. Manuel Viegas Guerreira

O Algarve na História de Portugal, pelo Dr. Alberto Iria

A SEGUIR:

Forte de São Lourenço da Barra de Faro, pelo Eng.^o António da Fonseca Leal de Oliveira

Separatas do «Correio do Sul»

- Faro no decorrer do século XIX, pelo Dr. Justino de Bivar.
Santa Maria de Harun e as suas lendas de amor, pelo Dr. Justino de Bivar.
Algarve do Sonho e Lenda, por Silva Tavares
A pesca do atum na costa do Algarve, pelo Dr. Mário Lyster Franco
A 183.ª das Cantigas de Santa Maria do Rei Sábio, pelo Dr. Fernandes Lopes
Um Antifonário «Iluminado» do Século XVII, por J. A. Pinheiro e Rosa
Duas moedas visigóticas inéditas, por O. da Velga Ferreira
Numária de D. João I, por Gonçalo Lyster Franco
Avante e Santiago, por Cândido Guerreiro
Alocução, pelo Dr. Jaime Bento da Silva
Um delo da Sé de Faro a contas com a Inquisição, pelo Dr. António Baião
O Pintor Joaquim Porfírio, pelo Pintor Lyster Franco
Uma curiosa moeda romana ferrada, por O. da Velga Ferreira
Manuel Teixeira Gomes, pelo Dr. Mário Lyster Franco
O Pintor Constantino Fernandes, pelo Pintor Lyster Franco
A influência bíblica na obra de Cândido Guerreiro, pelo Dr. Clementino de Brito Pinto
Episódios inéditos da Inquisição, pelo Dr. António Baião
João Lúcio e Portugalidade, pelo Dr. Mário Lyster Franco
Discurso, de Júlio Dantas
Júlio Dantas, pelo Dr. Mário Lyster Franco
As cantigas de Santa Maria do Rei Afonso, pelo Dr. Fernandes Lopes
Um beijo por lembrança, por Cardoso Martha
Alocução em honra de Nossa Senhora, pelo Dr. Mário Lyster Franco
Breves notas de história da Obstetrícia, pelo Dr. António H. Balté
Nótula para a História de Faro, pelo Eng.º Abelm Sande Lemos
Recordando..., pelo Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida
Sagres e o Infante D. Henrique, pelo Dr. José Formosinho
Emillano da Costa, pelo Dr. Elviro Rocha Gomes
As mais belas Catedrais da Itália, pelo Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida
Um inédito de João Baptista da Silva Lopes, pelo Dr. António Baião
Algarve — Fonte de Saúde e de Turismo, pelo Dr. Ascensão Contreiras
Homenagem a José Formosinho, pelo Dr. Mário Lyster Franco
Alocução em Silves, pelo Dr. Mário Lyster Franco
Evocação de José Joaquim Nunes, pelo Doutor F. Rebelo Gonçalves
Evocação da «Alma Nova», pelo Dr. José Guerreiro Murta
O Infante, Servidor de Deus, por D. Fr. Francisco Rendeiro, O. P.
Castro Marim, Baluarte da Cristandade, por Jacinto José do Nascimento Moura
O Túmulo de São Gonçalo de Lagos, por Antero Nobre
O Poeta Cândido Guerreiro, pelo Dr. José Neves
São Gonçalo de Lagos, por Júlio Dantas
O órgão da Sé de Faro, por L. A. Esteves Pereira
O Algarve, Costa Mundial do Sol, pelo Eng.º Geog.º Dr. José António Madeira
Breve Memória de D. Marcelino Franco, pelo Padre Manuel Bárbara
A Psiquiatria e os seus problemas, pelo Dr. Manuel da Silva
Toponímia Árábica do Algarve, pelo Dr. José Pedro Machado

(Segue no verso)